
Controle patriarcal e estereótipos femininos: uma análise imagética das personagens da série Coisa Mais Linda¹

Thaina Chagas MOURA²
Maíra Gonçalves LACERDA³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

A estereotipação das mulheres objetifica a figura feminina, legitimando sua opressão. Ao longo da história, padrões estéticos foram impostos na sociedade para que as mulheres fossem moldadas sob o olhar masculino e controladas por um sistema patriarcal. Através de recortes da série “Coisa mais linda”, esse artigo propõe dissertar sobre a representação de estereótipos femininos por meio da direção de arte e composição visual das personagens protagonistas e como os elementos imagéticos, representados por figurinos, acessórios, penteados, maquiagens e afins, carregam signos que não só compõem a narrativa mas comunicam por meio dela a objetificação estereotipada da imagem da mulher e o controle patriarcal de seus corpos.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; estereotipação; objetificação; direção de arte; série

INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseou-se na obra ficcional seriada “Coisa Mais Linda” (2019), produção brasileira original da plataforma de streaming Netflix, para refletir sobre a objetificação da imagem do feminino, expressa por padrões estéticos que estereotipam as mulheres e atuam como forma de controle patriarcal de seus corpos. O estudo tem como foco principal a realização de análise imagética das quatro personagens da primeira temporada, Malu (Maria Casadevall), Thereza (Mel Lisboa), Lígia (Fernanda Vasconcelos) e Adélia

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do IACS-UFF, e-mail: thainachagas@id.uff.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Design. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda do IACS-UFF, e-mail: maira_lacerda@id.uff.br

(Pathy Dejesus), com o objetivo de debater o que a direção de arte da série e a composição visual dessas personagens comunicam e como essas construções imagéticas reafirmam os estereótipos moldados pelo sistema machista opressor. Para isso, utilizamos referências bibliográficas de teóricos como Sartori e Schnorrenberger, Bragaglia e Carneiro, que estudam a dominação dos corpos das mulheres, a objetificação feminina, padrões de beleza, entre outros conceitos, para compreender o fenômeno imagético observado na produção audiovisual.

Retomando um pouco a história da relação social entre homens e mulheres, vale ressaltar que, com a descoberta da agricultura, os povos deixaram de ser nômades e começaram a se organizar como sociedade, distribuindo funções - as mulheres ficaram responsáveis por cuidar da terra, das crianças e idosos, domesticar animais e, sobretudo, gerar e parir bebês; enquanto os homens iam à caça e cuidavam do arado da terra. Uma vez que as tarefas masculinas exigiam mais força, essa divisão de atividade colocou o homem como superior à mulher. Assim, surgiram as primeiras sociedades, organizadas politicamente e com o poder centralizado nas mãos de poucos: os homens. O que deu início ao sistema de dominação masculina: o patriarcado.

De acordo com a feminista Sylvia Walby (1990), o patriarcalismo se manifesta de forma privada e pública. Na primeira, a mulher é controlada pelo homem em casa, na família; já na segunda forma, a mulher torna-se submissa ao homem no setor público, sendo dependente de uma figura masculina. Em consonância com esse pensamento, as pesquisadoras Alana Sartori e Neusa Schnorrenberger afirmam que

É possível definir, portanto, o patriarcalismo como um sistema de organização social baseado principalmente na dominação dos homens sobre as mulheres, em praticamente todas as esferas da vida social e particular. Também pode ser definido como uma herança transmitida, de forma que esta se internalizou no cotidiano social a ponto de se transmutar em cultura e tradição (SARTORI; SCHNORRENBERGER, 2019, p. 27).

A vista disso, para a construção da ideia proposta neste trabalho, é preciso compreender duas vertentes de um sistema social que mantém o homem como o poder primário: (1) a virtude feminina expressa pelo cuidado do lar e (2) a sensualidade feminina que desperta desejo nos homens para que seja cumprida sua função biológica de gerar filhos.

A grande maioria dos estereótipos femininos foram desenvolvidos sob a ideologia desse sistema, que visa classificar e subjugar a imagem do feminino de acordo com a visão do patriarcado.

Ao longo da história, diferentes representações visuais construíram, e ainda constroem, no imaginário da sociedade, estereótipos que reduzem a personalidade, a vivência e as singularidades de cada mulher às “caixas” compostas por signos machistas e hipersexualizados que compõem os moldes criados para representar a imagem das mulheres. Segundo Ana Paula Bragaglia, o conceito de estereótipos se liga ao de objetificação, que “consiste em analisar alguém no nível de um objeto, sem considerar seus atributos emocionais e psicológicos” (BRAGAGLIA et al, 2014, p. 5).

É nesse contexto que analisaremos a direção de arte da série "Coisa Mais Linda", especialmente a composição de figurino, acessórios, maquiagens e afins das personagens, destacando a importância dos signos não-verbais da produção audiovisual para a construção da narrativa. Seguindo o pensamento de McLuhan (1964), que define o vestuário como uma "extensão da pele" e "meio de definição do ser social", Ana Beatriz Pereira de Andrade apresenta diferentes funções para o figurino:

Informa, visualmente, sobre características, valores individuais e sociais. Quando se trata da comunicação visual de cena, as roupas, adereços e complementos do vestir constituem suportes de mensagens. Na versão televisiva, contribuem para traduzir a imagem estética e poética oferecida ao público telespectador (PEREIRA DE ANDRADE et al, 2017, p. 3).

Ao realizarmos a análise imagética das protagonistas, na primeira temporada da série, problematizamos como a composição visual carrega significados que objetificam os corpos femininos e retratam estereótipos sustentados na sociedade atual por meio de padrões estéticos. São quatro mulheres que representam como a imagem do feminino foi moldada pelo sistema patriarcal e como essas composições visuais se materializaram na sociedade, criando estigmas que “rotulam” as mulheres por meio desses estereótipos e reduzem seus valores aos signos pré-estabelecidos pela representação de seus corpos.

O PRODUTO AUDIOVISUAL

A série original Netflix “Coisa mais linda” conta a história de quatro mulheres no Rio de Janeiro dos anos 1950/1960. Conhecemos Malu (Maria Casadevall), uma herdeira de São Paulo que decide se aventurar pelo Rio montando um restaurante com seu marido, Pedro. Porém assim que chega na cidade, percebe que foi abandonada, fato que a leva de encontro à Adélia (Pathy Dejesus), uma mulher negra da periferia que sempre teve que trabalhar duro para sustentar sua filha e sua irmã, mesmo com todas as dificuldades que aquela época impunha às mulheres. Juntando os pontos fortes das duas, elas decidem seguir o sonho de Malu e abrem um bar regado de muita bossa nova, chamado Coisa Mais Linda.

A dramaturgia conta também com as personagens Ligia (Fernanda Vasconcellos) e Thereza (Mel Lisboa). A primeira é uma amiga de infância de Malu que se mudou para o Rio após casar com um bem sucedido e conceituado homem da classe alta carioca. O problema é que ele se mostra muito abusivo e controlador, privando Ligia de fazer o que sente vontade, violentando a mulher de diversas formas para conseguir o que quer. Já Thereza, casada com o irmão do marido da Lígia, é vista na série como uma mulher “à frente do seu tempo” por suas ideologias feministas e maneiras de viver mais condizentes com os dias de hoje do que com a época em que se passa a narrativa.

A história se desenrola a partir da amizade que as une e os desafios de ser mulher, viver e concretizar suas vontades durante a década de 50/60 no Brasil. A produção é dirigida por Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Segundo as atrizes, ter uma mulher como diretora foi algo muito agregador ao desenvolvimento. A produção é de Beto Gauss e Francesco Civita e a direção de arte é assinada por Fabio Goldfarb, com destaque para a estilista Vêronica Julian, responsável pelos figurinos.

Positivamente criticado pelos portais de moda feminina, o figurino de Coisa Mais Linda faz uma mistura com as décadas de 1950 e 1960, ao mesmo tempo que vemos algumas personagens com saias godês, óculos gatinho e cabelos cacheados, vemos outras com um estilo mais ligado à beatlemania, período que só teve início em 1964, com boinas e calças compridas mais justas. Esse estilo mais avançado para a época passada na trama indica que as personagens da série são à frente de seu tempo (BENEDETTI, 2019).

Não há como negar a ligação do figurino, bem como toda a composição visual das personagens, com a trama, que debate por meio da ficção os lugares ocupados pelas mulheres em uma sociedade dominada por homens. Retomando as duas vertentes apresentadas anteriormente, que compõem o sistema social do patriarcado, é latente na direção de arte a

utilização de elementos de vestuário e caracterização que reforçam os papéis esperados das mulheres – como vestidos rodados, para expressar a virtude feminina, e vestidos justos e decotados, para expressar sua sensualidade – ou então estabelecem o confronto em relação a essa ordenação.

O CONTEXTO SOCIAL

A série se passa em 1959, época conhecida, no Brasil como “Os Anos Dourados”, momento em que a sociedade prezava pela moral e os bons costumes e cobrava, principalmente da mulher, que essa “fachada” fosse mantida, o que significava que a mulher deveria aceitar qualquer atitude do marido - até mesmo a violência - com um sorriso no rosto e a aparência impecavelmente apresentável para agradar aos olhos daquele homem. Nesse período, para manter a boa imagem, a “mulher direita” deveria obedecer seu marido acima de qualquer coisa, antepondo suas vontades, valores e ideologias. Além da submissão em casa, a mulher também não possuía direitos legais para ser livre, sendo impedida de abrir seu próprio negócio, fazer empréstimo no banco ou trabalhar. Nesse cenário, a mulher era privada de construir uma carreira por ser obrigada a escolher entre a profissão almejada e o casamento “bem sucedido”, dedicando sua existência a cuidar da imagem de “mãe de família”.

Além do forte machismo da época, a obra de ficção também aborda o preconceito racial, a desigualdade social e retrata as adversidades vivenciadas pela mulher negra, mãe solteira com jornada dupla de trabalho, analfabeta e empregada doméstica sem direitos garantidos por lei. A personagem interpretada por Pathy Dejesus, Adélia, além de ilustrar uma sociedade racista e segregacionista, representa a romantização do estereótipo da mulher negra, periférica e “esforçada” que sai do morro para trabalhar para patrões brancos, com o objetivo de proporcionar a família uma qualidade de vida melhor.

Outras questões problematizadas pela série são o aborto, a violência contra a mulher, o estupro marital e o feminicídio, pontos pouco discutidos na década de 1960 mas que, nos dias atuais, ainda representam tabus e geram sérias consequências para a sociedade. Para Ana Paula Bragaglia, essas violências têm origem no fato de que “A ‘objetificação’ do público feminino pode tornar o corpo feminino suscetível a desrespeito por parte de alguém, sem que isso

pareça errado. É comum até mesmo a violência física sexual por parte do público masculino para com as mulheres" (BRAGAGLIA et al, 2014).

Bragaglia e suas co-autoras acreditam que, mesmo com todas as conquistas femininas, as mulheres continuam sendo consideradas inferiores e submissas aos homens. Tendo em vista esse pensamento, o drama da violência doméstica abordado na série, demonstra como a objetificação do corpo da mulher, por meio de imagens estereotipadas sob ideologias patriarcais, agregam no imaginário masculino o significado de dominação desses corpos e autoridade para agredi-los.

ANÁLISE IMAGÉTICAS DAS PERSONAGENS

A RETOMADA DO PODER: MALU

Maria Luiza é uma mulher branca, de família rica que, apesar de casada e mãe de um filho ainda criança, mora na casa dos pais em São Paulo. A personagem que vive o drama de ter sido abandonada pelo marido, usa um corte de cabelo com franja curta na testa, maquiagens leves e muitos acessórios na cabeça, como chapéus e lenços. Nas primeiras cenas, a paulista aparece usando vestidos rodados e acinturados, que acentuam o alto poder aquisitivo de sua família em função dos metros e metros de tecido fino utilizados nas saias dos vestidos.

A personalidade divertida de Malu diz muito sobre suas roupas, no entanto, analisando o contexto em que a personagem está inserida, é possível atribuir significados sociais à sua representação visual. Os vestidos e saias rodadas, tradicionalmente utilizados por meninas na fase infantil, assim como os acessórios de cabelo, simbolizam o estereótipo “infantilizado” de uma mulher que, depois de casada, ainda depende financeiramente do pai e é subjugada às suas ordens, abdicando até mesmo de suas próprias vontades. É importante refletir que a ausência de um cônjuge, associada a imagem infantil da personagem interpretada por Maria Casadevall, simboliza a submissão da mulher no âmbito familiar, livre apelo a estereótipos sexuais.

Ao longo da trama, Malu resolve assumir o controle de sua vida e deixa a casa dos pais para realizar o sonho de gerenciar o próprio negócio no Rio de Janeiro. A retomada do

poder da personagem é marcada pela mudança no visual, trocando a imagem de “menina” - representada pela saia rodada - por cortes retos e peças mais despojadas. Apesar de a “nova versão” da personagem ainda possibilitar rotulações, as peças confortáveis simbolizam a liberdade de uma mulher que passou a vida inteira representando o papel de filha controlada pelo chefe da casa.

DIREITO DE SER LINDA, DEVER DE SER SUBMISSA: LÍGIA

Olhando para o figurino de Lígia Soares, é possível notar que ela está sempre com a silhueta bem marcada por peças que definem as curvas do corpo e passam a ideia de uma mulher mais adulta e conservadora, sem perder a sensualidade. Já a maquiagem da personagem é, majoritariamente, básica e em tons claros, realçando sua beleza natural - segundo os padrões de estética reforçados pela sociedade. Ao contrário da amiga de infância, Malu, a composição visual de Lígia traduz uma sexualização do corpo da mulher e contribui para a construção do abuso sexual, por meio do estupro marital, sofrido pela personagem, e a inferiorização de seus valores e anseios pessoais em função das ordens do marido.

Em uma determinada cena, a personagem interpretada por Fernanda Vasconcelos está usando um vestido preto, justo e sem alças, escolhido por seu marido, Augusto, para comparecer a um jantar na casa do prefeito da cidade. Lígia não queria ir a esse evento por ser na mesma noite da inauguração do clube de Malu, mas não foi autorizada a fazer sua escolha. Vale ressaltar que o prefeito vive fazendo insinuações sexuais a respeito do corpo de Lígia, o que desperta ciúmes em Augusto, mas ele permite que aconteça. Além disso, a presença da personagem em eventos políticos é solicitada para chamar atenção por sua beleza física e agradar aos homens do parlamento. Nesse momento, vemos como a imagem da mulher é usada apenas como um objeto que “enfeita” o ambiente e “atrai olhares”. Sartori e Schnorrenberger, com base nos estudos de Naomi Wolf, afirmam que “(...) há muitas revelações acerca da natureza dos interesses por detrás da invenção dos conceitos de beleza. Dentre as quais a de maior impacto é que a beleza é um conceito que mantém a cultura dos homens” (SARTORI; SCHNORRENBERGER, 2019, p. 35).

Durante o jantar, Lígia é rebaixada a posição de “mulher desprovida de intelecto” para falar de política, ridicularizada pelos homens ali presentes, mas permanece com um sorriso

no rosto, representando o estereótipo de mulher “bonita e feliz” que tem seus valores sobrepostos por sua beleza física e seu corpo usado para agradar o parceiro. Sendo assim, é possível notar como a composição imagética da atriz representa um estereótipo feminino que expressa a objetificação do corpo da mulher e suas inaceitáveis consequências, em função do machismo cultural. Essa análise vai, mais uma vez, ao encontro da crítica desenvolvida por Bragaglia, onde a imagem feminina sensualizada é “ (...) apenas um artifício para chamar atenção e agradar os homens em um contexto em que a presença dela nem é necessária (...)” (BRAGAGLIA et al, 2014).

UMA MULHER A FRENTE DO SEU TEMPO: THEREZA

Não é preciso avançar muito na narrativa da série para afirmar que a personagem Thereza é uma mulher à frente de seu tempo. Por ser uma das únicas mulheres que aparecem em cena usando calças, a personagem interpretada por Mel Lisboa transparece a personalidade forte de uma mulher que luta por seus direitos e impõe sua presença no “mundo dos homens”. A direção de arte formada por elementos como cabelo loiro dourado, além de maquiagem marcada por batons em tons fortes e vibrantes, em contraste com figurinos compostos por calças, camisas sociais e itens que fazem parte do tradicional vestuário masculino, simbolizam a ideologia feminista e igualitária, defendida pela personagem ao longo da trama.

Jornalista por profissão, a personagem, única mulher que trabalha na redação da renomada Revista Ângela, uma revista destinada ao público feminino, é promovida ao cargo de editora-chefe. Apesar de já ter aparecido em cena usando calças, Thereza aparece no cenário da revista pela primeira vez usando a peça em seu primeiro dia no novo cargo. Nesse contexto, a escolha de calças combinada a uma camisa social, em um cenário dominado por homens, indica a necessidade da personagem de impor a autoridade que deveria lhe pertencer em razão do cargo conquistado. Considerando a ideia de que os figurinos dizem a respeito do espaço ocupado pela mulher no âmbito social, Pereira de Andrade e seus co-autores defendem que

Os projetos de figurino, diretamente conectados ao imaginário da moda feminina, delineiam perfis e indicam lugares ocupados pela mulher na sociedade. Os modos de vestir, na ficção como na realidade, marcam sua presença e sinalizam para a necessidade de se aprofundarem estudos que

desvelem as transformações, lutas e conquistas femininas ao longo do tempo”
(PEREIRA DE ANDRADE et al, 2017, p.11)

Apesar de o estereótipo representado por Thereza se contrapor às outras personagens mencionadas anteriormente, ele ainda reflete a consolidação da inferiorização da figura feminina em função da cultura patriarcal. Além disso, o uso da calça e da camisa de botão indicam a relevância das representações visuais que compõem o imaginário do machismo estrutural, visto que o estereótipo de uma mulher vestindo peças do vestuário tradicionalmente associadas à figura masculina, é capaz de despertar nesse imaginário (masculino) a posição de autoridade.

Vale ressaltar, também, a significância comunicacional dos figurinos para a construção do enredo, atentando-se para a linguagem não-verbal utilizada pela própria personagem durante a cena para manifestar, por meio das roupas escolhidas para assumir a liderança da equipe, suas ideologias igualitárias. Assim, ao dizer de Thereza em sua primeira matéria como editora chefe, debatendo justamente a imagem estereotipada das mulheres:

“O que significa ser mulher hoje em dia? Espera-se que sejamos fortes, mas modestas. Instruídas, mas sem opiniões polêmicas. E acima de tudo, bonitas. Será que não chegou a hora de termos uma conversa séria, umas com as outras e admitirmos que por trás da maquiagem perfeita, do cabelo armado e dos lindos vestidos, alguns dias são extremamente difíceis?” (COISA MAIS LINDA, 1ª temporada, ep. 6)

Por outro lado, é possível notar que o uso dessas peças não abstém Thereza da imposição social de, como mulher, estar sempre bem arrumada e vestida para agradar não somente ao marido, mas ao sistema que cria padrões e estigmas. Ainda que com conhecimento sobre feminismo e suas inúmeras manifestações políticas em busca dos direitos das mulheres, para conviver em uma sociedade machista a personagem precisa se submeter ao padrão estético feminino. Nessa conjuntura, o próprio sistema patriarcal renova os meios de controlar o corpo feminino e subjugar as mulheres.

Retratados na série em um contexto histórico, mesclados a outros índices de controle social, Sartori e Schnorrenberger (2019) defendem que os padrões de beleza são as ideologias

contemporâneas capazes de controlar as mulheres, após a segunda onda do feminismo, que ocorreu entre os anos 1960-1980, momento retratado em "Coisa mais linda":

Já existiram outras ideologias que mantinham o controle sobre os corpos e as decisões das mulheres e que foram relativamente superadas, como a domesticidade, maternidade, passividade e a castidade. Os rituais que mantinham acesas estas tradições ideológicas foram quase que completamente apagados, enquanto que novos ritos relacionados à beleza feminina ocupavam o espaço de controle dos papéis sociais das mulheres. De qualquer forma, apesar da conquista de alguns direitos sexuais e reprodutivos em vários países ocidentais, as mulheres ainda não possuem o pleno direito sobre seus corpos (SARTORI; SCHNORRENBERGER, 2019, p. 38)

Vemos assim que, ao mesmo tempo que Thereza é a maior representação de feminismo e liberdade feminina da produção audiovisual analisada, ela ainda movimenta o sistema de repressão. Se na década de 1960 a luta por direitos das mulheres era a reivindicação por autonomia, hoje testemunhamos a nova rede de dominação, silenciosa, mas presente com todas as suas regras e imposições: os padrões de beleza.

A PADRONIZAÇÃO DA BELEZA BRANCA: ADÉLIA

Adélia é uma mulher negra, pobre, moradora do morro e mãe solteira que se inseriu no mercado de trabalho aos 8 anos de idade, sem ter tido o privilégio do acesso à educação. Caracterizada com uma maquiagem que transmite um olhar cansado e sofrido, o visual da personagem, interpretada por Pathy Dejesus, é composto por peças sem mangas e saias menos rodadas - uma vez que as mangas e a roda da saia gastam muito tecido em suas confecções e acabam tornando a peça mais cara. Segundo Pereira de Andrade, os figurinos ressaltam “diferenças entre espaços e práticas, evidenciando características individuais, aspectos econômicos e emocionais, demarcando estética e materialmente as esferas do feminino e masculino”. (PEREIRA DE ANDRADE et al, 2017, p.4). Nesse contexto, as roupas usadas pela personagem, principalmente se comparada às das mulheres brancas da série, representam a materialização da desigualdade social consequente ao racismo estrutural.

É importante entender que a estereotipação da imagem da Adélia vai muito além da associação do negro à pobreza e ou à romantização dessa desigualdade social, a composição

visual da personagem representa outras duas vertentes do sistema político-social, dessa vez circunscritas às mulheres negras: (1) a força física da mulher negra, que nas palavras da atriz:

Isso vem do tempo da escravidão, de como a mulher negra era tratada e pra que ela servia. Isso pelo olhar branco, obviamente, sempre pelo olhar branco. Então essa estrutura criada, da força infinita da mulher negra, reflete em muitos problemas que ela tem até hoje. De afetividade, de violência obstétrica, de várias coisas (NASCIMENTO, 2020).

E (2) a inibição identitária da beleza negra em função dos padrões de beleza eurocêntricos, que, por sua vez, reafirmam a opressão patriarcal sob a figura feminina. Nessa conjuntura, para serem reconhecidas como mulheres, é preciso manter seus corpos bem apresentáveis para suprir as expectativas estereotipadas presentes no imaginário masculino. Contudo, assim como Sartori e Schnorrenberger defendem, “(...) a beleza não é um padrão biológico. Seu estereótipo é moldado culturalmente através dos períodos históricos, no intuito de vincular o valor da mulher enquanto indivíduo humano de acordo com seu nível de adaptação a este padrão” (SARTORI; SCHNORRENBARGER, 2019, p. 41).

Durante a trama, Adélia enfatiza que trabalha 8 horas por dia, fora as mais de 2 horas no trajeto de ida e volta dentro de um transporte público. Além da jornada de trabalho exaustiva, ela ainda é dona de casa e mãe de uma criança pequena. Mesmo com toda essa rotina, a personagem está sempre com o cabelo alisado, o que reafirma a submissão ao padrão normativo branco. É preciso reconhecer que o hábito de alisar o cabelo foi imposto para muitas mulheres como a única solução para cuidar dos fios crespos ou cacheados e reduzir a característica que representa a maior discrepância visual entre o cabelo liso e crespo ou cacheado: o volume. Tendo em vista que o cabelo é uma parte do corpo do indivíduo fundamental para expressar sua personalidade, é irrefutável a posição de inferioridade em relação às mulheres brancas e o controle patriarcal, físico e emocional, consequentes ao estereótipo feminino da beleza eurocêntrica.

A questão é que, para a mulher [negra], as regras são mais evidentes, tornando as exigências e autoexigências maiores. Além de ser marcado involuntariamente pela cultura, o corpo é também modelado de acordo com procedimentos voluntários ou de autoprodução, constituindo a corporificação da subjetividade. [...] Para ser homem ou mulher, segundo os padrões da cultura que se está imerso, fazem-se necessários rituais, muitas vezes diários, para legitimar a identidade de gênero, determinado pelos modelos estéticos vigentes que variam de acordo com a temporalidade e espacialidade. (CARNEIRO et al, 2014, p.1426)

Assim, os corpos femininos são classificados na sociedade segundo estereótipos que, além de serem pré-estabelecidos pelo sistema patriarcal, são construídos, também, com base em cor, etnia, e classe social, desvalorizando os corpos de mulheres negras. Nesse âmbito, surgem os “sub estereótipos”, criados na sociedade para segregar a classe feminina e objetificá-la de acordo com o contexto histórico de escravidão e racismo. A exemplo disso, temos o estereótipo da “mulher negra forte” - mencionada anteriormente -, da “mulher negra bonita” - que é uma beleza julgada pela sociedade de forma distinta da beleza branca -, da “mulher negra sensual” - caracterizada pela erotização do corpo -, dentre outros estereótipos que corroboram com a desigualdade social e a objetificação da imagem feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o papel do patriarcado na construção dos estereótipos femininos. As duas vertentes desse sistema, apresentados neste trabalho para a consolidação dos principais signos imagéticos dessa estereotipação – (1) a virtude feminina expressa pelo cuidado do lar e (2) a sensualidade feminina que desperta desejo nos homens para que seja cumprida sua função biológica de gerar filhos –, corroboram para a construção imagética da mulher como um indivíduo passivo e submisso no imaginário masculino. Essa estereotipação, além de desconsiderar as singularidades femininas, reduzindo-as a “rótulos” a referências puramente estéticas, mantém o controle patriarcal sob os corpos das mulheres.

A análise exposta aqui ilustrou a materialização dos estereótipos femininos por meio da direção de arte da série Coisa Mais Linda, expressa, principalmente, por figurino e maquiagem. A simbologia desses signos evidenciaram não só a objetificação dos corpos, como explicitaram a importância comunicacional da linguagem não-verbal, representada pelos elementos da direção de arte, para a construção da narrativa da peça audiovisual.

Assim sendo, entende-se que a estereotipação dos corpos femininos torna-os vulneráveis e passíveis de serem controlados pelo sistema e, conseqüentemente, por uma figura masculina. A padronização da beleza, por exemplo, é mais uma forma de reforçar o controle patriarcal, bem como causar rivalidade na classe feminina, enfraquecendo o movimento feminista e revigorando os estereótipos. É preciso salientar que esse trabalho não

é uma crítica à vaidade feminina, mas, de acordo com os estudos aqui presentes, vale questionar como os padrões estéticos se instituíram na sociedade e o poder que eles exercem sobre os corpos de mulheres.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Leila. Coisa Mais Linda: figurino e cenário inspira os cinquentistas (e sessentistas) dos dias atuais. **Universo Retrô: Cinema e TV**. 10 abril. 2019. Disponível em: <<https://universoretro.com.br/coisa-mais-linda-figurino-e-cenario-inspira-os-cinquentistas-e-sessantistas-dos-dias-atuais/#>>. Acesso em: 3. dez. 2020.

BRAGAGLIA, Ana Paula et al. A “**objetificação**” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Intercom, Vila Velha/ES, p. 1-15, Maio 2014. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

CARNEIRO, Anni de Novais et al. **Padrões de beleza, raça e classe: Representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador - BA**. 18º Redor, Salvador/BA, p.1424-1438, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2136/718>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

LOPES, Fernanda. Coisa Mais Linda, da Netflix, retrata o que é ser mulher numa sociedade machista. **Notícias da TV por Daniel Castro: Séries**. 26 mar. 2019. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/coisa-mais-linda-da-netflix-e-o-retrato-doque-e-ser-mulher-numa-sociedade-machista-25596>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

COISA mais linda. Direção: Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Produção: Beto Gauss e Francesco Civita. Intérprete: Maria Casadevall, Fernanda Vasconcelos, Mel Lisboa e Pathy Dejesus. Roteiro: Giuliano Cedroni e Heather Hoth. Netflix: Netflix, 2019. Disponível em: <netflix.com>. Acesso em: 7 dez. 2020.

LEITE, Duda. 7 fatos que você precisa saber antes de assistir “Coisa Mais Linda”, a nova série brasileira da Netflix: A produção retrata o Rio de Janeiro da década de 1950 e debate temas como machismo e racismo. **Vogue: Cultura**. 21 mar. 2019. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/03/7-fatos-que-voce-precisa-saber-antes-de-assistir-coisa-mais-linda-nova-serie-brasileira-da-netflix.html>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

ANALISANDO o figurino de Coisa Mais Linda – Adélia. **Melindrosa Moderna**. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://melindrosamoderna.com.br/analizando-o-figurino-de-coisa-mais-linda-adelia/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ANALISANDO o figurino de Coisa Mais Linda – Lígia. **Melindrosa Moderna**. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://melindrosamoderna.com.br/analizando-o-figurino-de-coisa-mais-linda-ligia/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ANALISANDO o figurino de Coisa Mais Linda – Malu. **Melindrosa Moderna**. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://melindrosamoderna.com.br/analizando-o-figurino-de-coisa-mais-linda-malu/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ANALISANDO o figurino de Coisa Mais Linda – Thereza. **Melindrosa Moderna**. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://melindrosamoderna.com.br/analizando-o-figurino-de-coisa-mais-linda-thereza/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

NASCIMENTO, Fernanda. Pathy Dejesus: A mulher negra não pode errar. **Uol: Tpm**. 19 jun. 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/pathy-dejesus-a-mulher-negra-nao-pode-errar/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz et al. **O processo de dominação dos corpos das mulheres através do “mito da beleza” de Naomi Wolf**. Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, São Leopoldo, v. 6, p. 24-44, 2019. Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/893/602>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

PEREIRA DE ANDRADE, Ana Beatriz et al. **Traduzindo a imagem feminina: reflexões sobre o figurino de O Primo Basílio e Capitu**. 13º Colóquio de moda, Bauru/SP, p. 1-13, outubro 2017. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_11/gt_11_TRADUZINDO_A_IMAGEM_FEMININA.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

SEMÍRAMIS, Cynthia. **Direitos da Mulher. Roupas também são uma forma de opressão**. 26 junho. 2009. Disponível em: <<https://direitosdamulher.com.br/roupas-tambem-sao-uma-forma-de-opressao/>>. Acesso em: 3. dez. 2020.

WALBY, Silvia. **Theorizing patriarchy**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.